

O “Complexo de Ítaca” nas literaturas insulares

João de Melo

Os arquipélagos dos Açores, da Madeira e de Cabo Verde têm sido, ao longo de quase toda a sua história, lugares de saída, terras de largada para o “mundo grande” que desde sempre se lhes anunciou do outro lado do mar. Isso, que poderíamos genericamente caracterizar por “movimento de partida” (não apenas físico e social, mas também cultural), acabou por sugerir à alma insular todo um “imaginário da distância,” nítido e recorrente na consciência dos seus escritores. Em contrapartida, o tema do regresso às ilhas (desde o simples retorno até à construção mitográfica de uma nova Ítaca, a outra ilhas de Ulisses perdido no espaço exterior), quando considerado no tempo e no modo das literaturas insulares de língua portuguesa, nunca correspondeu, nem sequer por aproximação, ao motivo da viagem e da partida—o que de algum modo impõe e configura a insularidade como expressão literária por excelência nos referidos arquipélagos. As nossas literaturas são portas de saída da “ilha” para o “mundo”; ao invés, bem pouco essas mesmas portas se fecham sobre os lugares de chegada ou de regresso a casa. Em terras de forte propensão emigratória, perante o “despovoamento” das ilhas, não seria de esperar, da parte dos seus escritores, um “imaginário do lugar” diferente daquele que flui em paralelo com a realidade histórica da vida. Mas talvez haja ainda tempo e voz para um apelo ao mito de uma ideia de retorno ou de regresso à Literatura.

Sair, largar das ilhas para fora, foi tão necessário à vida dos Açores, da Madeira e de Cabo Verde, como é ainda essencial às suas literaturas. Não

sejamos, porém, absolutos nem rotundos na detecção desta lógica literária. Com efeito, ao movimento da escrita sobre a emigração opõem-se outros pequenos, e todavia numerosos, movimentos de sentido contrário. O primeiro desses movimentos, seguramente que é o sentimento da terra como berço e como “residência” (para usar uma expressão do poeta Pablo Neruda); outro, o de resistência ao sonho, à tentação e à necessidade de partir—espécie de recusa do mito de Pasárgada, visto como busca da terra ideal (a América, a África ou a Europa, consoante os casos); outro, o do lirismo na distância que tange como dor, “sôdade” e “terralongismo” na “morna” de Cabo Verde, dando também substância ao folclore açoriano e madeirense, sem deixar de ser algo como um dobre poético e narrativo de todas as ilhas; outro tema ou movimento, são as muitas formas de regresso mental ou emotivo à “ínsula”: pela escrita da infância (como o fez o açoriano Cristóvão de Aguiar, na trilogia narrativa de *Raiz Comovida*); pelo recurso aos temas da História e da identidade, e sobretudo por uma espécie de “coita” ou sofrimento que se mitifica na alma do ilhéu e que traduz uma fidelidade à casa enquanto centro do mundo. É o que nos dizem estes versos de Vitorino Nemésio: “A minha casa é concha. Como os bichos / Segreguei-a de mim com paciência // Minha casa sou eu e os meus caprichos.” Por sua vez, poeta o caboverdiano Corsino Fortes, em *Árvore & Tambor* (1986), ergue o seu apelo ao regresso à terra, como um “canto geral” de júbilo e de exaltação ao país independente:

Vem pelo arco-íris
 Antes da chuva
 Quando a enxada é sonho
 na glória dos homens
 e a semente é pó
 na memória da ilha
 Oh frescura
 de ser mãos Entre mãos
 Que levedam
 no rosto da terra
 Oh frescor
 de ser veia Entre veias
 Que tecem no ventre da ilha
 O útero de tal rosto
 Vem!

Pelo músculo de Azânia
 e tambor da Namíbia
 Vem! Pela lâmina
 que vibra a alma de Zimbabwe
 Vem!

Mas falo dos que ficam, partem e voltam; falo dos que versam, mais do que o tema da partida, o tema da permanência e do quotidiano; falo do mito grego de Ítaca, sonho de Ulisses do retorno à consciência da ilha: origem, destino, identificação e identidade do homem insular. Refiro-me, ainda, à ideia de ilha como refúgio, cárcere ou prisão (tal como a descreveu o poeta açoriano da ilha das Flores, Roberto de Mesquita, um dos pilares do simbolismo português: “A mágoa dum poeta desterrado / Suspira errante na nortada fria. / Por este Outubro mórbido e fanado / A minha alma respira uma elegia...”); ou ainda, mas num extremo oposto desta visão pessimista, a ilha paradisíaca, reduto do ser, explicação do Homem perdido no espaço exterior (em escritores como Natália Correia, Pedro da Silveira, Vitorino Nemésio, José Agostinho Baptista, Manuel Lopes, Teobaldo Virgílio, Corsino Fortes). Falo de Antero de Quental que se matou em público (e que por isso mesmo dizem que foi para o Inferno!), à vista da sua cidade natal, Ponta Delgada. Falo de uma ideia de ilha que seja também uma projecção mítica e modelar da Literatura e do mundo...

Que eu saiba, nenhum poeta ou romancista açoriano, madeirense ou caboverdiano procedeu à “mitificação” do espaço insular numa obra integralmente dedicada à vida na ilha, partindo de uma situação de regresso a casa—pelo menos em termos de uma aproximação ou da correspondência ao mito heróico de Homero, tal como é idealizado na *Odisseia*. O “*azorean torpor*,” de que fala Nemésio num dos seus mais conhecidos peomas, é um misto de meditação e de lamento entediado; “Porque a mais leve luz que se embebeda na barra / Embacia os perfis dos cais e dos navios / Em frente à linha do horizonte que se perde. // E um deconsolo, um não-partir paira nos pios / Das gaivotas sem céu que o vento empluma e agarra / Estilhaçando o arisco mar de vidro verde.” Contudo, há poemas que giram ao redor de uma iconografia literária equidistante ao texto grego pagão e ao reeligioso da liturgia cristã, como nestes versos reiterativos de Natália Correia que aludem a um continente lendário, a Atlântida: “Creio nos anjos que andam pelo mundo. / Creio na Deusa com olhos de diamantes, / Creio em amores

lunares com piano ao fundo, / Creio nas lendas, nas fadas, nos atlantes” (*Sonetos Românticos*, 1990).

A Madeira está para a poesia do madeirense Herberto Helder, como os Açores estarão para o açoriano Antero de Quental. Ou seja, a expressão da insularidade, nestes poetas, será algo de tão remoto e difuso como um apagamento voluntário, ou mesmo como um desvio da vontade, ainda que não radicalmente assumida como tal. Há apenas uma percepção insular, explícita ou não, mas por vezes obsessiva, por detrás da cortina poética de ambos. De resto, são poetas dos vastos mundos de dentro: os mundos da alma que sobem do espaço para o tempo e que atingem a dimensão cósmica de uma sagração da palavra poética na ideia do espaço-tempo, tal como o definiu o cientista Stephen W. Hawking. Da Madeira, recordo também os poemas órficos e vesperais de José Agostinho Baptista no breve livro de *Canções da Terra Distante*, de 1994. Tudo nele se constrói e destrói em movimento binário, entre o regresso aos lugares e tempos da infância e o lirismo desse mundo perdido na passagem do passado para o tempo presente: “Quando regresso / todas as portas se fecham. Já não tenho as chaves / de uma vida antiga”). Este é um pequeno mas terrível livro para sempre, um livro de visita que culmina no poema de “O Adeus às Ilhas,” do qual se desprendem versos assim: “o amor é apenas uma ilha onde cabe a dor da vida,” e sequências tão duras e definitivas como epitáfios:

Tu não sabes o que eu esqueci, sentado nos alpendres,
contendo as lágrimas.

Havia um desespero de naufragos à beira dos mares
desses dias.

Há um desespero de gesto quando afago o teu rosto
porque o teu rosto é o rosto de uma ilha.

E a ilha é um cais sem fim e eu sou esse cais na
cidade da ilha.

E a ilha são lenços brancos, sinos, um cristal húmido
que amplia o tempo.

Recordo, ainda, trechos do romance de Helena Marques, *O Último Cais*, livro de partidas e regressos, tão belo, tão medularmente insular como nenhum outro até agora escrito acerca da ilha da Madeira, e cuja intriga se baseia numa relação familiar dispersa entre a cidade do Funchal e o mundo,

alternando sobre si o peso da permanência com a leveza da ausência. Horácio Bento de Gouveia dá-nos episódios de regresso à Madeira nos romances *Lágrimas Correndo Mundo* (1959) e “Torna-Viagem” (1979), a fechar aventuras de emigração. Os poetas Carlos Fino, José António Gonçalves e Isabel Aguiar Barcelos aludem ao tema, mas de passagem, numa poesia que se motiva na paisagem interior, na infância ou até na contemplação emotiva da terra. Também só por metáfora ou alegoria o regresso aflora às ficções da Ana Margarida Falcão e de Ana Teresa Pereira—ao passo que Helena Marques centra ao eixo de dois dos seus romances (O já citado *O Último Cais*, de 1992, e *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, de 2000) tanto o ponto de chegada como o de partida de uma relação insular com o Mundo. Curiosamente, é Ferreira de Castro, um escritor não insular, quem retrata no romance *Eternidade* (1933), uma situação de exílio interior, ponto de volta à ilha natal de Juvenal Gonçalves, viúvo, deprimido pela perda da mulher amada. A Madeira de Juvenal é visto como remédio para esse luto da alma, cura do desinteresse e salvação da consciência social. Daí o seu heróico envolvimento político-sidical pela dignificação dos trabalhadores madeirenses em greve e em manifestação pública (o que era então rotundamente proibido em Portugal) contra a miséria e a fome. Só por esse motivo a Madeira não chega a ser o paraíso para Juvenal. Também Maria Orrico, uma não açoriana de origem, consagra no livro *Terra de Lúdia* a paixão das ilhas. É pelos olhos de Lúdia e pela astúcia do cego Tomás que perpassa o assombro da paisagem sobrenatural dos Açores, mormento a do Faial e do Pico. A personagem sente-se tangida para uma situação-limite (o desengano dos seus amores em Lisboa), pelo que tenta o esquecimento da própria vida na ilha do Faial. Há, porém, uma revelação de espiritualidade nessa decifração misteriosa da paisagem, a qual eleva a uma quase transcendência do sagrado o corpo e a alma de Lúdia. A subida ao alto da montanha do Pico, verdadeira epifania a um universo divino, é a ascensão da personagem a uma dimensão humana próxima do inefável e do olímpico.

Nos Açores, parece visível o florilégio das alusões literárias ao tema do regresso, sob o prisma do real, do simbólico e até do mítico—em Vitorino Nemésio, Natália Correia, Pedro da Silveira, José Martins Garcia, Dias de Melo, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Judite Jorge e tantos outros. Em Nemésio, é pelo mar que se cumpre o desejo de regresso aos Açores:

Quando penso no mar
 A linha do horizonte é um fio de asas
 E o corpo das águas é luar;
 Sinto a terra na força dos meus pulsos:
 O mais é mar, que o remo indica
 E o bombeado do céu cheio de astros avulsos.
 Quando penso no mar, o mar regressa
 A certa forma que só teve em mim—
 Que onde ele acaba, o coração começa. (*O Bicho Harmonioso*, 1938)

Em Natália Correia, há o sentimento do exílio interior na recusa de outros lugares, que não aos Açores: “Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos / Minha mãe era ninfa meu pai chuva de lava! Mestiça de onda e de enxofres vulcânicos / Sou de mim mesma pomba húmida e brava” (*Cântico do País Emerso*, 1961). Mas não conheço, repito, uma obra açoriana integralmente votada ao problema do regresso: só alguns poemas, partes ou capítulos de romance, um outro conto. Onésimo Teotónio Almeida, por exemplo, no seu conto “Torna-Viagem” (do livro *(Sapa)teia Americana*, 1983), relata o caso de um emigrante que só volta à ilha para se vingar de um inimigo da infância, o que não é significativo daquilo de que falamos aqui.

Em Cabo Verde, o assunto nada tem de estranho aos olhos dos poetas e dos prosadores, expressando uma concreta ou indefinida saudade da terra. A sua literatura mais conhecida (e também mais antiga) está pejada de alusões a um regresso ideal, ao reencontro da família, à felicidade que não existe na distância. Mas a grandeza conhecida da Literatura caboverdiana vem associada à denúncia das injustiças sociais (com os temas da seca e da pobreza em biombo de outras denúncias); faz a apologia da fuga pela emigração, declara o amor e o apego à terra da ilha, vive o dilema dos que ficam querendo partir e dos que partem desejando ficar, institui a distância como pesadelo do “terralongismo.” Acima de tudo, creio ser ela a tradução da vida residente do povo de Cabo Verde, voz e condição da sua humanidade. O romance *Chiquinho*, de Baltazar Lopes, é talvez o livro mais paradigmático desse conjunto de atmosferas e alusões. A personagem move-se entre ilhas como num labirinto de aprendizagem da vida e do mundo; o tempo cerca e move o menino Chiquinho de ilha em ilha e de sonho em sonho, mas também o tempo o leva a partir contrariado para a América. O problema da identidade parece central em toda a literatura de emigração, seja ela açoriana,

madeirense ou caboverdiana. É-o também nos contos expeditos e apaixonados de Orlanda Amarílis, intitulados *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), e nos romances dos açorianos José Martins Garcia (*Contrabando Original*, 1987) e Daniel de Sá (*Ilha Grande Fechada*, 1992). Não duvido que seja por um forte sentimento de identidade que as pessoas partem (contrariadas e em sofrimento) nos livros de Baltazar Lopes, Manuel Lopes, Gabriel Mariano, Teixeira de Sousa, Luís Romano e nos livros dos portugueses Manuel Ferreira e Maria Isabel Barreno de tamática caboverdiana. Germano Almeida, no romance *Os Dois Irmãos* (1995) lida de perto, no estilo energético e irónico que o distingue, com o ser, a tradição e a identidade do homem caboverdiano, propondo-os em termos irónicos, não decalcados das gerações literárias que o antecedem. Tomando como pretexto um processo judicial, a descrição romanesca do livro leva um irmão de partida para Portugal e deixa outro em permanência insular; toda a tensão se multiplica em redor de comportamentos e motivos duplos: fidelidade e adultério, amor fraternal e regra de justiça ditada pela tradição, num dilema interior entre o apelo do sangue familiar e o do sangue que deve castigar ou ser castigado. Há também regresso no livro *O Senhor das Ilhas*, de Maria Isabel Barreno, no ponto em que o carácter “peregrinal” do romance associa a história de uma busca do passado insular, na pessoa do pai, ao seu enraizamento nos universos da História e da caboverdianidade. Romance histórico ou familiar, ou simultaneamente as duas coisas, o que o torna singular é mesmo essa branda e suave mistura, escrita com leveza e poesia.

Esta “pungência da caboverdianidade” está para as suas ilhas, tal como uma muito específica insularidade deve estar para as dos Açores e da Madeira. Osvlado Alcântara e Ovídio Martins podem considerar-se os poetas da recusa do “mito de Pasárgada,” mais do que os romancistas Baltazar Lopes (o alter-ego poético de Alcântara), Luís Romano, Teixeira de Sousa, Manuel Lopes e Germano Almeida—e muito mais ainda do que Osvlado Osório ou Corsino Fortes. Esse mesmo “mito de Pasárgada” ou não existe, ou será dificilmente detectável na poesia açoriana e madeirense. Vitorino Nemésio e Natália Correia cantam os Açores de fora para dentro, com a devoção de uma saudade que mitifica sobretudo a terra, a casa e as pessoas da infância; o grande poeta madeirense Herberto Helder, que faz da escrita uma celebração da palavra poética, só remotamente pode ser considerado um “insular.” Mas não há aproximação possível entre a permanência e a condenação à ilha em *Almas Cativas* (1966), de Roberto de Mesquita, e o pendor fortemente

alusivo, mas não geográfico, de Herberto:

Onde estará o mar? Aves bêbedas e puras que voam
sobre o teu sorriso imenso.

Em cada espasmo eu morrerei contigo.

E eu peço ao vento: traz do espaço a luz inocente
das urzes, um silêncio, uma palavra;
traz da montanha um pássaro de resina, uma lua
vermelha. (*Poesia Toda*, 1980)

Igualmente me parece distinto o problema da radicação à ilha, quando posto pelo açoriano da ilha Terceira J. H. Borges Martins, ou pelo madeirense José António Gonçalves. O primeiro é o poeta de uma euforia irónica, algo surrealizante; e também um satírico-metafórico por excelência. O segundo usa de um lirismo absorvente, abúlico e melancólico, no modo como expressa o seu modo de permanência na ilha.

O espírito do tempo e a espiritualização do lugar emergem da obra de um sem-número de poetas açorianos, madeirenses e caboverdianos. Nalguns casos, a expressão da insularidade é mesmo o que a poesia apresenta de mais “poético” e de individualizante. O telurismo, o apelo das raízes, a ilha simbolizadora do mundo, são motivos que comparecem em poetas como Oswaldo Osório ou Arménio Vieira. Oswaldo canta o tempo, o país e o amor; Arménio é um ironizador da vida quotidiana, na sua rotina e na sua pequenez, como nestes versos de 1971 que dedica à cidade da Praia: “A esplanada teria um leite mais branco / e clientes catitas e empregadas bonitas / e baixaria para uma média razoável o número de pedintes / e caçadores de beatas / e haveria por certo uma clínica ali perto / e remédio para tudo (até para os males sem cura).” O “princípio da realidade,” de que fala Lukács, parece aplicável tanto ao “corpus” como ao imaginário das literaturas insulares de língua portuguesa. Ou seja, o real preside à vida e à sua “imitação” pela literatura. O movimento real das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde tem sido feito mais para fora do que para dentro delas. Daí que se possa genericamente caracterizar as respectivas literaturas pela expressão “residente” e pelas suas diásporas, e menos pela temática do regresso a casa. A fuga das ilhas, sob mil e um pretextos (sejam eles a emigração, os estudos no exterior, as paixões da vida ou o puro abandono da terra), tem dado azo não apenas a uma “instituição” de literatura, mas à sua divisa principal e a um reconhecimento geral. Aliás, o tema da partida é

inseparável não apenas de uma “visão de conhecimento,” mas também de uma cosmovisão insular, com tudo o que nisso possa haver de circunstante ou de conceptual: ilha-mãe de todo o destino, ilha de uma quase trágica “peregrinação interior”—com as devidas e reconhecíveis variáveis do estilo, da situação romanesca, da sensibilidade geográfica e mesmo da concepção ideológica do espaço e do tempo.

Onde está, pois, essa nova ilha de Ítaca, terra-lar de Ulisses, esposo de Penélope, pai de Telémaco, rei dos Gregos? Onde se situa essa ilha que todos demandamos como um regresso à casa do ser que em nós continua errante e de partida pelo tempo fora? Chamo-lhe ilha da justiça e da utopia—a única afinal de que se ocupa o mais antigo sonho do Homem; aquela que decerto justifica a existência e a razão de toda a Literatura. Escrevendo, amando a palavra, criando no livro, havemos de encontrar a ilha dos povos e dos escritores. Essa ilha só existe oculta neste tempo das verdades que mentem e das mentiras que ainda dizem a verdade.

(Lisboa, 1998 – revisto em Madrid em 2006)

João de Melo (1949-) nasceu na Achadinha, São Miguel, Açores. Fez a instrução primária na ilha natal. Em 1960, migra para o Continente português, onde obterá a licenciatura em Filologia Românica pela Universidade Clássica de Lisboa. Tem-se dedicado ao ensino secundário e ocupa, desde 2001, o cargo de Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Madrid. Romancista, ensaísta, cronista, poeta e antólogo, entre os seus romances mais conhecidos contam-se *O Meu Mundo Não É Deste Reino* (1983) (cuja tradução inglesa, da responsabilidade de Gregory Rabassa, foi editada em 2003 pela Aliform Publishing), *Autópsia de um Mar de Ruínas* (1984), *Gente Feliz com Lágrimas* (1988) e *O Homem Suspenso* (1996). Publicou a colectânea de ensaios *Toda e Qualquer Escrita* (1982). Organizou as colectâneas *Os Anos de Guerra* (1980) e *Antologia do Conto Português*, cuja 3ª edição é de 2002. Editou o livro de poesia *Navegação da Terra* em 1980 e, em 2000, o volume de crónicas *Segredo das Ilhas*. Acaba de lançar um novo romance, *Mar de Madrid* (2006).